



Sociedade das Ciências Antigas

OS SETE PLANETAS E OS DEUSES GREGOS



“A Astrologia, como o inconsciente coletivo que interessa à psicologia, é constituída de configurações simbólicas: os planetas são deuses, símbolos dos poderes do consciente.”

Carl Jung

OS PLANETAS, O ZODÍACO E A ASTROLOGIA

O Céu fascina. Quem algum dia não se sentiu apaixonado em uma noite enluarada, ou provido de um vigor intenso em um dia ensolarado? Ou quem não se deixou se guiar pela imaginação ao contemplar um belo Céu estrelado?

As sensações provocadas pelos corpos celestes foram ao longo do tempo imortalizadas nas mais belas obras da literatura mundial, reconhecendo assim, com toda justiça, sua inquestionável influência sobre os seres humanos. Esta mesma influência que acalentou os corações dos poetas inquietou o gênio dos sábios da Antiguidade, que se propuseram então a investigar este mágico efeito que os astros provocam sobre a Vida na Terra. Eis então que surge a milenar Ciência da Astrologia.

Estes sábios observaram pacientemente, ao longo dos anos, a bela marcha dos astros no Céu, e perceberam que no majestoso cenário composto ao fundo pelas estrelas alguns intrépidos atores se destacavam, quer fosse pelo intenso brilho, quer fosse pela apaixonante dança que os levavam de um ponto a outro. À estes atores, dançarinos em um Céu cujas estrelas eram como que luzes fixadas no escuro fundo azulado, os gregos deram o nome de *Planetas*, que significa “viajantes”. Os Planetas eram, portanto, os grandes rebeldes do cosmos, seguindo suas próprias trajetórias como viajantes errantes por caminhos incertos, caminhos estes cujas paisagens eram adornadas com o esplendor das estrelas fixas.

À estes pequenos pontos brilhantes no Céu os antigos adicionaram o Sol e a Lua como sendo Planetas também, dadas as suas proeminentes diferenças para com as estrelas. Assim, os antigos estabeleceram as duas primeiras categorias de corpos celestes, que seriam os Planetas, em número de sete, e as estrelas, em número inimaginável.

A observação paciente dos sábios permitiu que estes descobrissem no Céu um grupo de constelações que pavimentavam a estrada pela qual passaria o Sol no dia seguinte¹, estrada esta que recebeu o nome de Zodíaco. Neste caminho aparentemente circular haviam constelações que dividiam a faixa do Zodíaco em várias porções: os Signos.

Em paralelo à identificação e análise dos movimentos dos astros, os sábios observavam as conexões existentes entre os fenômenos celestes e as características psicológicas das pessoas. Perceberam as semelhanças psicológicas e comportamentais de indivíduos que nasciam na mesma época, o que os levou a investigar as configurações do Céu no momento do nascimento de uma pessoa. Destas configurações descobriram quais seriam as influências individuais que cada Planeta e Signo poderiam exercer sobre um ser humano, quer fossem em termos de temperamentos, correspondências com partes do corpo, ou mesmo em relação às emoções e intelectualidade.

Uma vez descobertas estas influências individuais e coletivas dos astros, restava aos sábios apenas revesti-las de uma linguagem. Como ocorreu em todas as Ciências Antigas, os sábios vestiram a Astrologia com uma roupagem simbólica, roupagem esta emprestada dos deuses, deusas e seres fantásticos da Mitologia Greco-romana.

É de se esperar, portanto, que haja uma profunda correlação entre os aspectos simbólicos dos deuses mitológicos greco-romanos e as influências planetárias estudadas ao longo dos anos pelos sábios. Estas correlações inquietam o espírito inquiridor do homem moderno infundindo-lhe inúmeras questões. Por que foi a Mitologia a linguagem empregada para se expressar os conceitos astrológicos? Por que seriam os deuses da Mitologia Greco-romana os eleitos para se representar as influências planetárias sobre o homem e batizar com seus nomes os Planetas? Seriam estas relações entre a Astrologia e a Mitologia apenas uma mera coincidência? Caso contrário, são estas correspondências exatas? Por quê?

O presente trabalho é apenas uma tentativa muito elementar de responder estas questões. Na próxima seção serão abordadas as duas primeiras questões, sendo as demais deixadas para o desfecho deste trabalho.

A QUESTÃO DO SÍMBOLO NA MITOLOGIA E NA ASTROLOGIA

Na Ciência da Antigüidade os sábios estudavam os fenômenos da Natureza por todos os prismas imagináveis. Um exemplo típico é a própria Astrologia, onde os sábios não se limitavam somente ao aspecto descritivo dos fenômenos celestes, como o movimento dos planetas; eles foram além e investigaram como estes elementos influenciavam a psique humana. Abrangeram, com isso, tanto os fenômenos visíveis quanto os invisíveis no tocante ao Universo. Para expressar suas descobertas em idéias compreensíveis recorreram a uma linguagem simbólica, e assim o fizeram porque, entre outras razões², os símbolos eram muito superiores em termos de conteúdo informacional do que simples palavras ou termos técnicos. Os chamados termos técnicos, que então fixaram os múltiplos significados dos símbolos antigos em palavras ou composições de palavras, foram introduzidos somente com o advento dos filósofos pré-socráticos no século V a.C., portanto em época bem posterior às primeiras arguições astrológicas. Introduziu-se, com isso, a letra que matou o espírito vivificante dos símbolos antigos³.

¹ Os antigos consideravam que era a Terra o centro do Universo, ao redor do qual giravam o Sol e os demais planetas. Foi dentro deste esquema que a Astrologia se desenvolveu. A descoberta de que é o Sol o centro do sistema solar, e não a Terra em nada invalidou os ensinamentos da Ciência Astrológica, já que o Sol sempre foi o astro-rei e principal centro de influência astral no ser humano. A confirmação astronômica de que o Sol é o centro apenas serviu para formalizar seu coroamento como o grande Rei entre os Planetas.

² Para se conhecer as outras razões que motivaram o uso do simbolismo na Ciência Antiga, ver 1.

³ A introdução de termos técnicos foi importante para o desenvolvimento das ciências ordinárias, e surgiu em um contexto onde os pensadores gregos analisavam a Natureza e os fenômenos à parte da Religião. Nasce, assim, a

A associação de um determinado símbolo com um dado fenômeno investigado era realizada por meio do método analógico. Assim, por exemplo, a Terra, devido à sua solidez e à sua densidade, tornou-se o símbolo que representaria, entre outras coisas, a estabilidade do caráter de uma pessoa. Representaria também as Sensações, já que a Terra é palpável e visível, portanto suscetível à experimentação pelos sentidos. Já a Água, por sua vez, representaria os Sentimentos, já que o choro traz consigo a companhia das lágrimas, tanto as de alegria quanto as de tristeza. Os exemplos dados do uso da Terra e da Água como símbolos são apenas gotículas de um oceano gigantesco de associações possíveis entre os símbolos e os fenômenos visíveis e invisíveis.

Foi deste oceano de associações que os sábios da Antigüidade buscaram os símbolos que permitiriam traduzir as influências planetárias e zodiacais, já que estas mesmas influências, invisíveis, geravam fenômenos visíveis: o comportamento do homem no mundo externo, comportamento este que traduz e desvela sua própria personalidade.

Desta mesma fonte – o oceano de associações simbólicas – nasceu a Mitologia. A Mitologia não é apenas uma coleção de histórias de rara beleza literária; é, antes de tudo, uma jornada simbólica pelos reinos do espírito e da alma humana, e pelos diversos planos sutis que compõem a Criação. Os deuses, deusas, heróis e heroínas da Mitologia são todos produtos de um simbolismo profundo, estando todos associados à eventos que ocorrem no interior do ser humano, nas profundezas de sua alma. Compreender os Mitos significa conhecer a si mesmo; eis então a chave de todo o desenvolvimento espiritual do ser humano.

A Astrologia e a Mitologia bebem, portanto, da mesma fonte: o oceano de simbolismos. Como as Leis da Natureza são imutáveis e a Verdade é Eterna, os símbolos empregados tanto pela Astrologia quanto pela Mitologia deverão ser os mesmos para o mesmo tipo de fenômeno; eis então de onde surge a correlação entre a Astrologia e a Mitologia. A Mitologia, por retratar a personificação das forças interiores do homem nas figuras de seus deuses e deusas, apresentou uma nomenclatura muito precisa, e é por isto que a Astrologia utiliza os deuses e entes mitológicos para descrever as influências planetárias e zodiacais na personalidade e na vida ser humano.

A existência de uma fonte comum entre a Astrologia e a Mitologia – o oceano de correlações simbólicas – responde a primeira questão representada na seção anterior⁴. Posteriormente será demonstrada a exatidão destas correlações.

Responder a segunda questão levantada na seção anterior é relativamente fácil. Em nenhum outro país a Mitologia ganhou tanta complexidade e riqueza quanto na Grécia. É justo o tributo que se faz às Mitologias egípcia e mesopotâmica como as grandes inspiradoras de muitos Mitos gregos; porém, estas mesmas influências são como o chumbo que, em mãos gregas, transmutou-se em ouro. Nunca as Virtudes e as paixões humanas foram tão bem retratadas como os gregos realizaram nas figuras vivas de seus deuses e deusas; nunca os deuses foram tão próximos ao homem, a ponto até de dividirem a mesma mesa em banquetes. Homens e deuses, lado a lado, em batalhas, em disputas, em jogos de sedução, em situações corriqueiras da vida mundana.

Pelas semelhanças psicológicas entre os deuses e os homens, e pela grande sociabilidade que existia entre eles, pode-se dizer que os deuses e deusas gregos eram como homens e mulheres divinizados, e não seres sobrenaturais, perfeitos, cuja única semelhança com o homem seria em relação à sua antropomorfia. Os deuses gregos se apaixonavam, se entristeciam, enganavam, roubavam, traíam, se arrependiam, choravam, e estavam sujeitos à tantas outras vicissitudes que acometem os seres

Filosofia, representando a dissolução até então existente entre a Fé e a Razão. Uma interessante discussão sobre esta questão encontra-se em 5, 6 e 7. Sobre o nascimento da Filosofia e um panorama histórico, consultar 8.

⁴ É importante lembrar que o oceano de associações simbólicas não une somente a Astrologia com a Mitologia, mas todas as Ciências Antigas, incluindo a Alquimia, a Cabala, e assim por diante.

humanos. Após a dominação da Grécia por Roma, novos deuses foram adicionados ao já rico panteão grego, e muitos deuses gregos receberam novas atribuições e se fundiram com deuses análogos romanos. Formou-se, assim, da riqueza da Mitologia Grega, com algumas adições romanas, a denominada Mitologia Greco-Romana.

São graças à estes complexos perfis emocionais apresentados pelos deuses greco-romanos, tão semelhantes aos dos humanos, que os Planetas recebem seus nomes e propriedades. E é exatamente por esta riqueza de detalhes que a Astrologia emprega os ícones dos deuses e deusas greco-romanos na expressão das influências planetárias. Isto explica o porquê de ser a Mitologia Greco-romana a eleita entre tantas para expressar as idéias astrológicas, o que responde assim a segunda questão colocada na seção anterior.

Uma vez colocada a natureza simbólica tanto da Astrologia quanto da Mitologia, cabe agora uma investigação mais detalhada sobre algumas das características psicológicas mais proeminentes do ser humano antes mesmo de se abordar propriamente os Mitos Greco-romanos. Estas características psicológicas são determinadas por algumas Virtudes e defeitos que podem ser consideradas como principais e que, a partir destes, outros se derivarão em maior ou menor grau.

Uma brilhante luz sobre este tema fora lançada ao mundo por meio das obras do Doutor da Igreja São Tomás de Aquino, que desenvolveu o conceito de *Virtudes e Defeitos Capitais*. Este conceito tomista será discutido na próxima seção, e constituirá em uma importante base para os desenvolvimentos posteriores.

O CONCEITO DE VIRTUDES E DEFEITOS CAPITAIS

O estudo sistemático das características positivas e negativas da personalidade remonta aos primeiros filósofos gregos. Nesta época a Psicologia não existia como uma ciência individual; ela era apenas uma parte da Filosofia. Platão e Aristóteles na Filosofia, e Hipocrates na Medicina, com sua teoria dos humores e temperamentos, lançaram as pedras fundamentais do que seria mais tarde a Psicologia, em especial o ramo desta ciência que trata da personalidade.

É na Idade Média, porém, que surge um dos mais importantes estudos sobre a personalidade humana, elaborados pelo Doutor da Igreja São Tomás de Aquino. São Tomás de Aquino, baseado em estudos anteriores de João Cassiano e São Gregório Magno, lançou uma série de argumentações sobre Virtudes e os defeitos da personalidade humana em duas de suas principais obras, *Sobre o Mal e Suma Teológica*⁵.

Um defeito, via de regra, corresponde à propensão do indivíduo de realizar o mal em uma de suas vertentes. Assim, por exemplo, a faceta do mal que se refere à agressividade cristaliza-se no defeito da Ira. Um indivíduo que apresente a Ira como defeito estará propenso a ser agressivo, o que configura a realização do mal de uma maneira específica, caracterizada pela agressividade.

O termo “capital” aplicado aos defeitos se origina das significações do termo latino correspondente, “*caput*”: cabeça, líder. Assim, agrupando os defeitos imagináveis em algumas seqüências com estruturas semelhantes, os capitais seriam os principais de cada grupo, seus ‘cabeças’ ou ‘líderes’. Dentro destes grupos, argumenta São Tomás, os demais defeitos derivariam dos capitais, como que se fossem seus ‘filhos’.

A maneira pela qual um ‘filho’ se vincula a um defeito capital se refere principalmente à sua finalidade. A finalidade de um defeito qualquer se reduz à finalidade correspondente do defeito capital. Por exemplo, imagine o caso de um fraudador que enseja com o fruto de seu golpe

⁵ Para uma exposição sintética sobre o tema, ver 9.

acumular riquezas. A finalidade da fraude é o engano, cuja finalidade, por sua vez, é a de distrair a atenção do foco do ato para se obter a desejada riqueza. Porém, a obtenção de riqueza é a finalidade da avareza. Portanto, a finalidade da fraude e do engano se reduzem à finalidade da avareza, o que demonstra o fato de a avareza ser o defeito capital, e a fraude e o engano serem suas filhas.

São Tomás agrupa os defeitos capitais em sete famílias, e se utiliza uma copiosa argumentação para demonstrar estas associações. Uma das mais interessantes argumentações, que desvelam quais são os sete defeitos capitais, se encontra em sua obra *Sobre o Mal*, na questão 8, artigo 1. Nesta, São Tomás discute a respeito da *busca do bem*, da qual decorrem os defeitos capitais. O *bem*, nesta questão, se refere a um estado, o da realização de alguma necessidade premente. Este *bem* não deve ser confundido com o *Bem*, predicado divino que pertence à Natureza do Criador, conforme Jesus diz: “*Só Deus é Bom*” (Mc 10:18). Dentro do primeiro contexto de *bem* apresentado logo acima, São Tomás define três de estados de realização: o *bem da alma*, o *bem do corpo*, e o *bem das coisas exteriores*.

O *bem da alma* se refere à “*superioridade da honra e da glória*”, ou seja, as conquistas que trazem ao homem o sentimento de superioridade. Estas honras e glórias, quando buscadas no sentido de satisfazer as necessidades do ego, caracterizam a *soberba* ou *vaidade*. No artigo 2 da mesma questão São Tomás argumenta que a soberba é a “*rainha dos outros pecados*”, não a incluindo portanto entre os sete defeitos capitais. Ele coloca a vaidade como sendo a primeira delas. Porém, a soberba e a vaidade são facetas do **orgulho**, o que o caracteriza então como sendo o maior dos defeitos e o primeiro da lista dos sete pecados capitais.

O *bem do corpo* tem duas vertentes básicas: a *conservação do indivíduo*, representada pela manutenção do corpo através da alimentação, e a *conservação da espécie* representada pela reprodução humana. A conservação do indivíduo se configura obviamente como uma necessidade natural; porém, o erro procede quando esta necessidade corpórea converte-se na necessidade de satisfação de um prazer, o de comer. Eis então a configuração da **gula**. Já a conservação da espécie, fenômeno não somente biológico, mas também sociológico (já que as crianças são, desde tenra idade, influenciadas a conceber uma família futuramente), configura-se como uma necessidade natural, e não um pecado; a Bíblia diz que “*multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a*” (Gn. 1:28). O erro provém quando esta necessidade, natural, se converte na necessidade de satisfazer os *prazeres venéreos*, conforme a própria terminologia de São Tomás. Isto configura a **luxúria**.

O *bem das coisas exteriores* se refere à necessidade dos elementos materiais que suportam a sobrevivência do homem. Tal necessidade configura-se como sendo absolutamente natural; porém, quando há o apego exacerbado à materialidade, convertendo a necessidade natural de posse na necessidade e acumular riquezas, têm-se configurada então a **avareza**.

Pela discussão antecedente se percebe claramente que São Tomás caracteriza os quatro pecados acima como sendo oriundos da deturpação de necessidades naturais. Os defeitos acima são voltados à realização de algum tipo de prazer: o prazer de sentir-se superior – o *orgulho*, o prazer de comer – a *gula*, o prazer venéreo – a *luxúria*, e o prazer da posse – a *avareza*. À realização destes prazeres e de outros derivados se opõem os chamados *bens espirituais*, ou Virtudes, oposição esta que será decidida pelo livre-arbítrio do homem. O livre-arbítrio pode decidir ou favorecer as Virtudes, ou então opor-se à elas; neste último caso, São Tomás diz que esta oposição se dá de duas maneiras: pela *fuga* da Virtude, ou pela *rebelião* contra ela.

Em relação à fuga da Virtude há, segundo São Tomás, duas possibilidades: a fuga da Virtude no *próprio sujeito*, ou em *outro sujeito*. O primeiro caso ocorre quando se dá a realização da fuga da Virtude que impede a *acomodação* ou o *prazer corporal*; este defeito recebe o nome de *acídia*. O segundo caso ocorre quando uma pessoa foge da Virtude de uma outra quando esta impede a *consideração da própria superioridade* da primeira. Eis então a configuração do defeito da **inveja**.

Observe que, no caso da acídia, há apenas o sujeito e a fuga da Virtude dele mesmo; já no caso da inveja, há a fuga em relação à Virtude de outro. Isto explica a classificação de São Tomás da fuga da Virtude em duas possibilidades.

O conceito de acídia se refere à uma espécie de *tristeza* em relação a uma Virtude que impede a realização de um prazer corporal. A **preguiça**, por sua vez, representa o desalento frente a um obstáculo, principalmente se sua transposição não auferir nenhum prazer. Assim, por exemplo, o estudo que impede a acomodação e o *evagatio mentis*, ou seja, a dissipação na mente de qualquer pensamento⁶, configurará um obstáculo à realização do prazer do nada fazer. Eis então configurada a preguiça. Portanto, é por esta razão que a preguiça é aqui incluída como defeito capital no lugar da acídia.

Por fim, a rebelião contra a Virtude que impede a realização do prazer configura o defeito da **ira**. Um exemplo típico é a resposta instintiva a uma agressão. A Virtude faz com que o homem impeça a satisfação do prazer do revide; a ira, por sua vez, se rebela contra esta Virtude, visando fundamentalmente dar vazão aos impulsos destrutivos e assim fazer o homem reagir à uma agressão.

Analisando os defeitos por este prisma, São Tomás encontrou os sete defeitos capitais: orgulho, preguiça, ira, inveja, gula, luxúria e avareza. Posteriormente, nas questões apresentadas na obra *Sobre o Mal* São Tomás argumenta brilhantemente sobre a existência destes defeitos, demonstrando que os mesmos são desvios da Virtude, e apresenta suas filhas, demonstrando sua subordinação hierárquica aos pecados capitais.

Em oposição aos sete defeitos capitais, São Tomás comenta, na *Suma Teológica*, seus opostos, as sete Virtudes Capitais. Nesta obra ele apresenta os argumentos e discorre de maneira profundamente lógica sobre a oposição entre cada Virtude e seu defeito associado. Esta discussão está além do escopo deste humilde trabalho, que se limita a apenas apontar as Virtudes Capitais: a **Magnanimidade**, em oposição ao orgulho, a **Humildade**, em oposição à preguiça, a **Diligência**, em oposição à ira, a **Paciência**, em oposição à inveja, a **Caridade**, em oposição à gula, a **Temperança**, em oposição à luxúria, e a **Castidade**, em oposição à avareza.

As Virtudes e defeitos capitais consistem, assim, em um resumo muito profundo das características positivas e negativas da personalidade humana. Sendo imanentes à natureza humana, as Virtudes e defeitos capitais terão certamente seus correspondentes simbólicos dentro do vasto oceano de simbolismos. Novamente, serão os deuses greco-romanos que os personificarão em toda sua força, conforme será discutido em seção posterior.

Após todo este preâmbulo, cabe agora adentrar nos Mitos associados aos deuses greco-romanos, objeto da próxima seção.

A TEOGONIA E A POSTERIDADE DE ZEUS

Os deuses nascem, crescem, constituem família e reinam em seus domínios. Assim como uma família humana pode ter toda sua genealogia traçada, aos deuses greco-romanos também é possível, graças aos vários Mitos que narram seus feitos. Porém, sendo à vida humana impossível traçar a genealogia até o primeiro ancestral, para os deuses ocorre o contrário: é plenamente possível remontar ao primeiro dos deuses, o supremo pai, a suprema mãe. Chegar-se-á ao princípio dos tempos, onde nada existia senão o Vazio. Hesíodo, este magnífico poeta grego, narrou soberbamente este momento de criação por meio de sua Teogonia 10.

⁶ Não se deve confundir o *evagatio mentis* com o exercício voluntário de vazio interior, que visa dominar o corpo mental!

Cabe lembrar que a Teogonia, não é somente um belíssimo poema mítico-literário; é também uma fonte preciosa de símbolos que desvelam o Macrocosmo – as Leis Gerais da Natureza – e o Microcosmo – o Interior do Homem. A Mitologia Grega consiste, assim, em uma importante fonte na qual os Iniciados devem beber a largos goles.

No princípio havia somente o Caos. Nesta substância informe, infinita e desprovida de qualquer estrutura, estavam mesclados todos os futuros princípios que viriam a existir. É deste estado de eterna confusão que surgem os primeiros deuses do Universo nascente: Gaia, a Terra, Eros, o Amor Universal, as Trevas e a Noite. De Gaia, a Terra, amorosa Mãe de todos os seres vivos, nascem Urano, os Céus, mais as Montanhas e o Mar. Das Trevas e da Noite nascem o Éter radiante e o Dia, trazendo assim a Luz ao reino das sombras. A Luz que nasce das sombras para sobre ela reinar eternamente.

Da união de Gaia e Ouranos, Terra e os Céus, nascem os Titãs, em número de seis, e as Titânidas, suas irmãs, também em número de seis. Desta sagrada união surgem também os três Ciclopes, o Trovão, o Raio e o Relâmpago, e ainda os três terríveis monstros de cem braços e cinquenta cabeças, os Hecatônquiros. Estes brutais filhos foram temidos mesmo por seu poderoso pai, os Céus, tendo por isso precipitado-os no Tártaro, abismo subterrâneo no qual perecem até mesmo os mais poderosos deuses.

Gaia, em seu intenso amor maternal, encobre-se de ira pela sorte de seus últimos filhos, e exulta os demais, os Titãs, para engendrarem a vingança contra seu pai. Dentre todos eles, somente **Cronos**, o mais jovem e sedento de poder, aceitou o terrível plano tramado pela Terra. A Mãe Terra forja de seu seio uma foice do mais puro aço e a concede a Cronos, que em seus recessos se esconderia para de lá operar seu maquiavélico plano. Neste esconderijo aguarda pacientemente a chegada do pai, os Céus, que vem acompanhado da Noite, para novamente molestar a Terra. Então, no momento oportuno, sai de seu covil e; com a mão esquerda agarra o falo do pai, e com a direita toma a foice e o castra. Do sangue jorrado e caído na terra nascem as Erinias, os Gigantes e as ninfas do freixo. Cronos atira ao mar o membro extraído de seu pai, que fecunda as espumas e dá nascimento a **Afrodite** de beleza insuperável. Tão logo nasce das espumas do mar, é abraçada pelas leves mãos de Zéfiro, o vento oeste, que a conduz à Citéria e posteriormente a Chipre.

Ouranos, os Céus, assim desprovido de seu poder procriador, cede sua soberania sobre o Universo para Cronos, o terrível Tempo. Cronos é o ícone do tirano, que reina de forma absoluta, não querendo partilhar o poder nem mesmo com seus irmãos. Não atendeu às súplicas de sua Mãe, de libertar seus irmãos do Tártaro; lá eles continuaram, para não ameaçar sua soberania tirânica.

A Terra e os Céus profetizaram que de sua posteridade surgiria um poderoso filho, que o destronaria assim como ele fizera com seu pai. Cronos, então, como o terrível tempo que a tudo devora, engolia os filhos à medida que nasciam de sua irmã e esposa, Réia. Assim, Hestia, Demeter, Hera, suas belas filhas, e mais Hades e Poseidon foram implacavelmente devorados por Cronos. Estando grávida de seu último filho, Réia suplica a ajuda a seus pais, para que ele fosse poupado da loucura de Cronos. Com o auxílio dos Céus e da Terra Réia é enviada à Creta, no monte Liktos, onde lá daria a luz a seu tão amado filho, **Zeus**. Para enganar Cronos, envolve uma grande rocha em fraldas, e o dá ao deus em lugar do filho. Cronos sequer percebe do ardil, e engole a rocha imaginando que fosse seu filho.

Zeus cresce com o vigor e qualidades excepcionais, típicas de um futuro soberano. Já na idade adulta, sente o momento de retornar à casa paterna para dele tomar o trono. Pede então auxílio e conselho de Metis, a Prudência, filha dos Titãs Oceano e Tétis. Ela oferece a Zeus uma poção miraculosa que, se tomada por Cronos, o faria vomitar seus irmãos, que o auxiliariam na batalha contra os poderosos Titãs.

Ao tomar o poderoso elixir, Cronos fora vomitando um a um seus filhos engolidos. Com eles, Zeus combateu os Titãs liderados por Cronos por dez longos anos; a sorte desta guerra, chamada Titanomaquia, que parecia não ter fim, foi decidida quando Zeus, de acordo com uma profecia da Mãe Terra, libertou os Ciclopes e os Hecatônquiros das profundezas do Tártaro. Com seu apoio os Olímpicos, como eram chamados os deuses filhos de Cronos, venceram os implacáveis Titãs, assumindo assim o poder do Universo.

Zeus, o grande líder dos Olímpicos, em agradecimento a seus fiéis irmãos, Poseidon e Hades, divide o Mundo em três reinos, e os distribui do seguinte modo: Zeus governaria os Céus e a Terra, Poseidon os Mares, e Hades os Mundos Subterrâneos.

Zeus é a figura central da Mitologia Grega, o soberano absoluto por mérito, o deus dos deuses. Por seu histórico e seus feitos na Teogonia, e por sua posição destacada entre os deuses, seria de se imaginar que Zeus fosse o arquétipo da perfeição, dotado de todas as Virtudes imagináveis e isento de quaisquer defeitos, como ocorria em outras Mitologias nas figuras de seus deuses supremos. Ledo engano. Zeus era totalmente suscetível às paixões, quer fossem com deusas, quer fossem com mulheres mortais. É nesta fraqueza que reside o principal defeito de Zeus, conforme será detalhado na seção seguinte. Os filhos de Zeus nascidos de suas relações extraconjugais com deusas e mortais figuram entre os principais deuses e heróis de toda a Mitologia Grega, sendo digno de nota mencionar alguns deles⁷.

De acordo com Hesíodo o primeiro dos relacionamentos de Zeus deu-se com Metis. A deusa, relutante à avidez de Zeus, se metamorfoseia em diversas formas para fugir de sua perseguição, até que finalmente é dominada por ele. A Terra e os Céus profetizam que se Metis desse a luz à uma menina, teria depois um filho de Zeus com esta Titânida que destronaria o próprio pai. Seguindo então um conselho da Terra, Zeus engoliu Metis, evitando assim que o oráculo se cumprisse. Porém, no tempo certo, passou a sentir uma enxaqueca terrível e, para aliviar-se dela, solicitou a Hefaios to abrir-lhe o crânio com um golpe de machado. De sua cabeça surge então Athena, a deusa da Sabedoria, vestida em sua armadura de guerra.

Depois Zeus tomou como esposa Themis, a deusa da Justiça, e com ela teve as Horas. Com Eurínome teve as Graças, com sua irmã Demeter teve Perséfone, a futura rainha dos infernos. Com Mnemosine teve as Musas em número de nove.

Zeus tinha como esposa Hera, sua irmã. Sua cerimônia de casamento, segundo uma das tradições, se deu no belíssimo Jardim das Hespérides, onde a Mãe Terra a presenteou com maçãs de ouro. Hera, maravilhada com tamanha beleza, mandou plantá-las no Jardim, a ser vigiado pelas leais Hespérides. Os filhos de Zeus e Hera foram **Ares**, o terrível deus da guerra, Hefaios to, o ferreiro, Hebe, a Juventude, e Eilithyia, a deusa do bom parto.

Após estas primeiras esposas Zeus desejou Leto, filha dos Titãs Koios e Phoebe. Não desejando entregar-se ao deus dos deuses, tentou fugir a seus encantos de todas as formas, não logrando êxito, porém. Ao saber que Leto estava grávida de Zeus, Hera perseguiu-a de forma implacável, ameaçando castigar com sua fúria o local que desse abrigo à Leto para que esta desse a luz. Leto errou pelo mundo, buscando um sítio de paz onde pudesse parir seus filhos. Após uma sofrível peregrinação, Leto encontra finalmente um lugar que a abrigaria, a ilha flutuante de Ortygia. Hera, furiosa, proíbe Eilithyia, a deusa dos partos felizes, de acompanhar o nascimento dos filhos de Leto. Com isso, Leto sofreu durante nove dias, até que as deusas, comovidas por seu sofrimento, enviaram Íris para presentear Eilithyia com um magnífico cinturão de âmbar e ouro, o que convenceu-a a dar suas bênçãos ao parto da perseguida mãe. Assim nasceu a bela **Ártemis** que,

⁷ Como bibliografia básica para se melhor conhecer os deuses da Mitologia Grega, em detalhes, ver 11, 12, 13 e 14. 15 é um dicionário, o mais completo para a Mitologia Greco-Romana; 16 é um dicionário de cunho mais geral, abarcando outras Mitologias, apresentando excelentes textos concisos sobre os principais deuses e heróis greco-romanos.

mesmo recém-nascida, auxiliou nos trabalhos de parto de seu irmão gêmeo, **Apolo**. Apolo, deus vigoroso, fixou a ilha no mar, e a chamou de Delos, “a Brilhante”.

Zeus se apaixonou também pela ninfa Maia, que era uma das Plêiades. De sua união nasceu **Hermes** em uma caverna no monte Cilene na Arcádia.

Por fim, cumpre-se mencionar dois outros importantes filhos de Zeus: Dionísio, cuja mãe é Semele; Heracles, o grande herói, cuja mãe é Alcmena; e finalmente Perseu, cuja mãe é Dânae.

Eis então os principais deuses e dois dos mais importantes heróis da Mitologia Grega. Dentre os deuses acima mencionados, os que estão destacados em vermelho terão direta relação com as influências planetárias, conforme se discutirá a seguir.

OS SETE DEUSES

Conforme anteriormente mencionado, os romanos fundiram a Mitologia Grega com sua própria, originando assim a Mitologia Greco-Romana. Assim, alguns dos deuses mencionados na seção anterior tiveram seus nomes gregos alterados para os seguintes equivalentes romanos:

Nome Grego	Nome Romano	Nome Grego	Nome Romano
Gaia	Cybele	Hermes	Mercúrio
Ouranos	Urano	Ártemis	Diana
Cronos	Saturno	Afrodite	Vênus
Zeus	Júpiter	Ares	Marte
Poseidon	Netuno	Athena	Minerva
Hades	Plutão	Hefaistos	Vulcano

Com isso, os sete deuses acima apresentados, destacados em vermelho, emprestaram seus nomes romanos aos sete Planetas conhecidos na Antiguidade.

Conforme abordado em seções anteriores, os deuses gregos apresentavam Virtudes e defeitos, e era graças à sua humanidade divina que se tornaram excelentes arquétipos para se analisar a influência dos astros na personalidade humana. As características de personalidade destes deuses se manifestaram em suas proezas narradas pelos Mitos, os quais serão resumidos a seguir. Uma discussão relativa aos atributos de cada um destes sete deuses será esboçada, bem como suas Virtudes e defeitos capitais associados:

I. Apolo – O Sol

Apolo, filho de Júpiter e Leto, e irmão gêmeo de Diana, era o deus que diariamente conduzia o carro do Sol pelo céu. Dotado de beleza singular, era mestre da adivinhação e supremo soberano do mais famoso dos oráculos, o de Delfos. Apolo era o deus da Música, de cuja lira emanavam sons cuja melodia encantava a todos; somente Orfeu era comparável a Apolo nesta arte. Apolo não admitia rivais nesta divina arte: comprou de Mercúrio a lira e a siringe⁸, instrumentos estes cuja melodia poderia encantar mais que a música de Apolo. Por esta razão aniquilou Marsias, que recuperou do lago a flauta de Athena, cuja melodia era tão tocante que fez este mortal julgar-se melhor que Apolo; não conseguindo vencê-lo por meio da Música, logrou êxito somente por meio de um ardil. Venceu Pã em outra disputa musical mediada pelo rei Midas.

⁸ A popular flauta de Pã

Atributos de personalidade

Apolo, assim como Diana, que personificam os dois grandes luzeiros do Céu, o Sol e a Lua, podem ser analisados tanto por suas características pessoais, quanto pelo simbolismo destes astros. Do ponto de vista estritamente pessoal, Apolo era o mais belo entre os deuses. A Beleza, em sua plena acepção, é um grande oceano onde a estética física consiste em apenas um pequeno córrego. A Beleza em si é uma manifestação da grandiosidade do Criador, que a depositou sobre suas mais singelas criaturas para que o homem sinta a sua presença Divina na Natureza. A Beleza comove, pois conversa diretamente com a Alma; é através dela que o homem sente a Deus, como muito bem expressou Éliphas Lévi⁹: “(...) o homem não se limitará a crer em Deus, mas que o verá em suas obras, que são as manifestações externas de seu Ser”.

O Sol é o princípio da vida, pois seus raios aquecem o ar terrestre conferindo-lhes a *Vida Solar*¹⁰, que será transformada em *Vida Terrestre* pelo pulmão da Terra, a atmosfera¹¹. O homem aspira a Vida Terrestre por meio de seus pulmões, que a transfere ao sangue e transporta a vitalidade, princípio motriz da Vida humana. Com isso, o Sol é a representação máxima do princípio ativo, positivo, masculino e criador, do poder fecundante, pois é ele quem gera a fonte da Vida, a Luz Solar.

Apolo premia os deuses e os homens com a beleza quase incomparável de sua Música. A Música é como uma panacéia para as dores e sofrimentos humanos, restaurando a alegria de viver daqueles que, momentaneamente ou não, perderam o sorriso dos lábios. Do mesmo modo é o Sol, que com sua extrema generosidade doa seus raios aos homens, trazendo de volta seu ânimo quase sempre combalido pelas vicissitudes da vida.

O Sol é o centro do sistema solar. Transportando este conceito ao homem, considerando-o analogamente a um sistema solar em miniatura, seu centro será o seu Eu, sua personalidade interior. Porém, ser o centro do sistema solar pode evocar alguns pontos negativos. Sua importância destacada pode tornar o homem arrogante, caso se centre exclusivamente em si mesmo. A beleza extrema de Apolo, se adulada, converter-se-á em vaidade. Sua capacidade de tirar dulcíssimas notas de sua lira, que é quase incomparável, é eclipsada pela excessiva confiança em si mesmo, haja visto que teve de trapacear Marsias para poder vencê-lo na disputa.

Defeito Capital: O Orgulho

Apolo, imerso na vaidade que sua divina beleza e dotes musicais lhe despertavam, não admitia ser vencido por ninguém. Exemplo disso são as barganhas que efetuou, e as disputas em que participou, de modo a sempre ter a vantagem em relação a seus adversários. Se fosse necessário ser ardiloso e vil para sempre vencer, fazia-o sem nenhum escrúpulo, sem nenhum pudor. Assim, Apolo escondia de si mesmo suas próprias fraquezas, pois não era forte o suficiente para admiti-las. Atribuía algumas de suas vitórias, erroneamente, como é característico daqueles que se auto-iludem, aos seus talentos, e não aos ardis. Esta ilusão provocada pelo ego, ocultando de si mesmo suas debilidades, e exagerando suas virtudes, ou mesmo exaltando-as sem existir, recebe o nome de orgulho. Apolo personifica deste modo o defeito capital do orgulho.

Virtude Capital: A Magnanimidade

⁹ Ver 5, página 24.

¹⁰ A Tradição Ocultista afirma que a Vida das Vidas, emanada pelo Criador, é absorvida pelo Universo que a emita a seus inferiores hierárquicos como Vida Universal, que é, por sua vez, sintetizada pelo Sol e irradiada como a Vida Solar. Para detalhes sobre estes conceitos, ver 4

¹¹ A Tradição Ocultista considera a Terra como um grande organismo vivo, com órgãos e sistemas fisiológicos análogos aos do homem. Para maiores detalhes, ver 1, 3 e 4.

Apolo conduz o carro solar todos os dias, levando a luz à todos os homens. Sem ela, não existiria vida; a luz solar é, portanto, um presente dos deuses à todos os seres viventes. Apolo se encarrega, diariamente, de compartilhar seu brilho com todos os seres, sem egoísmo, demonstrando assim sua grandeza. Esta grandeza é como fonte inesgotável, onde todos que tem sede podem vir e saciá-la. Esta doação de si mesmo, que ocorre pela grandeza interior, da Alma, denomina-se Magnanimidade. Apolo personifica, portanto, a Virtude da Magnanimidade.

II. Ártemis – Diana – A Lua

Diana era filha de Júpiter e Leto e irmã gêmea de Apolo. Diana, logo após ter nascido, auxiliou a deusa dos partos, Íris, no nascimento de seu irmão. Ainda criança, pediu a Júpiter, seu pai, que lhe mantivesse eternamente virgem, como a deusa Minerva; lhe desse arco e flecha, como recebera seu irmão Apolo; lhe desse um séquito de ninfas para que auxiliassem em suas tarefas; e que ela também carregasse a luz, como seu irmão Apolo. Júpiter realizou seus desejos, e a partir de então Diana tornou-se a deusa da Lua e da caça. Apolo, o formoso e majestoso deus Sol, o princípio ativo, tinha a faculdade de se iluminar por si mesmo, ao passo que Diana, a deusa Lua, o princípio passivo, não gerava luz, porém refletia a de seu irmão. Assim, enquanto o Sol reinava durante os dia, sua irmã Lua reinava à noite, sendo o guia que ilumina na negra escuridão.

Atributos de personalidade

Se o Sol representa o princípio ativo, criador, a Lua representa o princípio passivo e formador. Ela reflete os raios solares nas negras noites, em níveis de brilho que variam de acordo com suas fases. Em uma delas, a Lua Nova, ela se situa na região de sombra da Terra, estando em exata oposição ao Sol, não refletindo portanto sua Luz. Esta variabilidade de brilho remonta às emoções, que com suas tórridas variações levam o homem a oscilar entre a felicidade e a infelicidade, entre a tristeza e a alegria, entre o amor e o ódio. Portanto, a Lua rege a instabilidade do ser humano, sujeito sempre a seus altos e baixos emocionais. Neste aspecto, representa a indecisão, que é a dúvida gerada pela oscilação do pensamento entre duas ou mais idéias. Por estar ligada às emoções, a Lua representa também a irracionalidade, que impacta os atos do homem que se deixa levar somente pelos meandros do coração.

Uma noite enluarada desperta a sensibilidade dos corações humanos, tornando-a uma incomparável paisagem para o enlace dos enamorados. Poderosa fonte de inspiração, muitos foram os poetas tocados em sua fértil imaginação por seus doces raios.

Enquanto o Sol é o poder fecundante, a Lua é o poder fecundado. Neste aspecto, representa a capacidade de formação de uma nova vida, sendo portanto o princípio da maternidade por excelência. Enquanto refletora da Luz Solar, a Lua representa a experimentação do mundo não pela via direta, por meio da visão, e sim pela via indireta, por meio da intuição.

Defeito Capital: A Preguiça

Diana não era dada às tarefas em geral. Tanto era assim que rogou a seu pai a virgindade perpétua, que a livraria dos labores de mãe; rogou também ser acompanhada de um séquito de ninfas, fidelíssimas servas da deusa. Diana era, assim, avessa aos esforços exigidos pelo trabalho, e sempre se esquivava deles. Esta aversão ao trabalho caracteriza a preguiça, defeito que impõe obstáculos à realização de qualquer Obra, seja ela material ou espiritual. É por esta razão que Diana personifica o defeito da preguiça.

Virtude Capital: A Humildade

A Lua não possui brilho próprio, e é somente um satélite que gira ao redor de um outro astro sem luz, o planeta Terra. Todo o esplendor de sua luz provém do Sol; porém a Lua, em sua simplicidade, toma de assalto os raios solares e os doa ao homem, livrando-os da escuridão, como uma mãe amorosa que protege seu filho das trevas. A Lua aceita, com humildade, seu papel aparentemente secundário e cumpre fielmente sua importante missão, a de alumiar as trevas da noite. Pois, sem seu brilho, como ocorre nos dias de lua nova, os homens ficam desamparados, imersos no abismo da escuridão, sem nada a guiá-los, a não ser a pálida luz cintilante das estrelas. Portanto, por menor importância que uma dada missão represente em relação a uma outra, ela será, no todo, imprescindível; eis a lição de humildade que a Lua dá ao homem. Por esta razão é que a deusa Lua, Diana, que singra os bosques com seu arco prateado, personifica a grandiosa Virtude da Humildade.

III. Cronos – Saturno

Conforme visto na seção referente à Teogonia, Cronos era o jovem filho de Ouranos e Gaia, o ambicioso aspirante ao trono do Mundo. Durante seu reinado governou de forma tirânica, absoluta, impedindo assim a evolução das demais forças e a organização do Universo, tendo engolido seus filhos logo ao nascerem. Após ser destronado por Zeus, a Mitologia Romana consagra Cronos como o deus Saturno, que após peregrinar por terras desconhecidas chega ao Lácio, na península itálica. Lá é recebido pelo deus Janus, no Capitólio, e torna-se soberano. Porém, diferentemente do que ocorrera em sua fase de rei tirano do Universo, em Roma Saturno civilizou os homens, conferindo-lhe leis e promovendo a justiça. O período de reinado de Saturno foi deveras próspero, tendo sido chamado de “Idade de Ouro”.

Atributos de personalidade

O Mito do deus grego Cronos foi complementado pelo Mito do deus romano Saturno. Esta mescla originou um riquíssimo arquétipo, onde se podem delinear duas fases opostas: a primeira, em sua juventude, é marcada por sua dinastia tirânica como supremo soberano do Universo; a segunda, em sua maturidade, é marcada por seu generoso reinado sobre os povos do Lácio. É desta dualidade que nasce um perfil altamente complexo, caracterizado por uma evidente evolução de um estado espiritual pobre para outro extremamente rico. Saturno representa o chumbo, e não é em vão que os alquimistas usam a frase “*transmutar chumbo em ouro*”. Compreendida iniciaticamente, esta frase resume a importância do Mito de Saturno para se realizar a Grande Obra.

Na juventude, Saturno é inconseqüente e assaz egoísta, seguindo cegamente seus instintos e sua ambição desenfreada pelo poder. Porém, o poder pelo poder corrompe, e traz como recompensas a derrota e a queda. Saturno destronado retira-se de cena, como que para purgar a dor de sua derrota; assim, em seu sofrimento lega ao tempo, atributo por ele personificado, a tarefa de amenizar as dores. Deste modo Saturno aprende com seus erros, pela reflexão profunda sobre seus atos, o que o faz amadurecer e adquirir Sabedoria. Porém, nada amadurece sem o devido tempo; é necessário se desenvolver a paciência para que os frutos cresçam e estejam prontos na época apropriada. A Natureza não dá saltos, pois a evolução se processa de forma lenta, respeitando sempre o tempo correto. É somente por meio do tempo, e do trabalho paciente, que a obra da transmutação ocorre.

Com este aprendizado por meio da experiência, o agora sábio Saturno torna-se o rei soberano. Dá aos homens selvagens as leis e ensina-os a cultivar, e promove a igualdade entre as classes, pois somente desta forma uma sociedade pode ser sólida. Organiza, assim, a sociedade para que proporcione uma vida melhor a seus súditos.

Defeito Capital: A Avareza

Saturno é a personificação do Tempo, dado seu nome em grego, Cronos. O Tempo é implacável, pois reconhece somente sua própria imortalidade; assim, decreta o início e o fim de tudo o que existe. Este voraz apetite do Tempo, que tudo devora, está personificado pelo ato de Saturno de engolir seus filhos à medida que iam nascendo. Devorando desta maneira, o Tempo permanece, enquanto que o que existe perece. O Tempo tudo quer para si, pois nada pode ser eterno, somente ele; assim, Saturno, o Tempo implacável, personifica a avareza, que tudo quer englobar, que tudo quer conquistar, e que teme a cada instante que algum princípio de ordem superior venha a destroná-lo de sua tirana dinastia.

Virtude Capital: A Castidade

Saturno, na condição de sábio ancião, foi depurado por sua própria experiência, o que fez com que reunisse os homens mais brutais, os educasse, lhes desse as leis. O ancião que, outrora, tudo queria para si, como o avarento que se apega a seus bens como se fossem um só, agora compartilha o fruto de sua experiência, de seu saber, com aqueles que sequer iniciaram sua jornada nas terras da evolução. Saturno então transforma-se completamente, livrando-se de suas impurezas do seu ser pretérito como um pedaço de ouro é limpa das crostas da terra na qual nasce. O processo de transformação de Saturno pode ser totalmente resumido em uma única palavra: purificação. Saturno agora é o mestre, aquele que estabelece a igualdade por entre os homens e os dá os meios para que evoluam. Completamente regenerado, Saturno ancião personifica a grande Virtude da Castidade, expressão máxima da pureza.

IV. Zeus – Júpiter

Zeus – Júpiter é a principal figura da Mitologia Greco-Romana. Símbolo da força aliada à inteligência, Júpiter enfrenta seu pai, Saturno, e o destrona. Restaura assim a Ordem no Universo, e interrompe as forças contrárias que o impediam de evoluir. Partilhando seu reinado do mundo com seus irmãos Netuno e Plutão, Júpiter tornou-se o oposto de seu pai, o tirânico Saturno, sendo o supremo rei de divide para governar. Conquistando o respeito e o temor de seus pares, Júpiter governa de maneira soberana, estabelece as leis, e torna-se o grande legislador. Do alto de seu trono no Olimpo Zeus julga as ações dos homens, recompensando os que são bons e castigando os maus com seu temível raio, presente dos Ciclopes. De suas aventuras amorosas Júpiter lega ao mundo inúmeros deuses e heróis, como a divina Minerva, a Sabedoria, que nasce de sua cabeça, e Hercules, arquétipo do poderoso herói.

Atributos de personalidade

Uma minuciosa análise do episódio da Titanomaquia, conforme narrada pela Teogonia, mostra que dois fatores foram fundamentais para a vitória dos Olímpicos, além é claro da força de Júpiter: a poção de Metis e o oráculo de Gaia. Júpiter, mesmo sendo sabedor de seu grande poder, o que lhe permitiria ser um tirano mais absoluto que Saturno, preferiu buscar auxílio e orientação dos mais sábios, para somente depois se lançar à guerra contra seu pai. Júpiter demonstra assim, mesmo sendo ainda jovem e inexperiente, uma ampla visão, pois busca fundamentalmente o melhor entre os caminhos possíveis de serem trilhados. Eis, então, o uso da reflexão antes da ação, da razão antes do impulso. Neste quesito, Júpiter demonstra ser diametralmente oposto a seu pai, pois Saturno deixa-se levar pelos impulsos, não permitindo a luz da razão conduzir-lhe.

O uso da reflexão, e a busca pelo melhor dentre os caminhos representa um modo de raciocinar filosófico, que com o poder da análise investiga todas as possibilidades e lhes confere valores, comparáveis entre si; assim, o juízo do que é melhor provém exatamente da comparação dos valores atribuídos para cada uma das possibilidades.

Júpiter é o ícone do jovem ambicioso, porém consciente do que deve ser feito. Em reconhecimento ao grande auxílio prestado por seus irmãos Netuno e Plutão na Titanomaquia, Júpiter divide a soberania do Mundo com eles, o que demonstra sua grande generosidade e senso de justiça. Tendo conquistado o respeito e a admiração de seus súditos, Júpiter era o deus indulgente, piedoso para com aqueles que demonstrassem ser merecedores. Sua dinastia trouxe ordem ao Universo, o que permitiu desde então sua evolução.

Apesar de todos estes qualificativos, Júpiter era dado a excessos. Abusando muitas vezes de sua condição de deus dos deuses, o que demonstra arrogância, Júpiter não aceitava jamais ser rejeitado por alguma deusa ou mulher. Este ímpeto por possuir muitas mulheres, aliado a episódios como aquele em que engole Metis, temendo que fosse destronado, demonstra seu lado um tanto megalomaniaco.

Defeito Capital: A Gula

Júpiter era dado a excessos, conforme mencionado acima. Não se satisfazia somente com uma mulher; eis então que se envolveu com várias, fossem elas deusas, ninfas, ou mortais. Para cortejá-las valia-se de disfarces, truques, e tantas outras artimanhas, e seus filhos foram constituindo ou o panteão de deuses olímpicos, ou o de heróis e semideuses, como Hercules. Esta insaciabilidade, que faz com que o indivíduo perca a noção do que é necessário e passe à perseguir o excesso, o supérfluo, caracteriza a gula. Júpiter, mesmo sendo o rei dos deuses, era totalmente exagerado em suas paixões; eis porque Júpiter personifica o defeito da gula.

Virtude Capital: A Caridade

Júpiter era generoso. Não quis o poder somente para si, como um tirano; dividiu-o com seus irmãos, em reconhecimento à ajuda que estes deram na guerra contra os Titãs. Este sentimento que faz com que alguém divida aquilo que é seu com outrem, esta doação que muitas vezes é incondicional, caracteriza o indivíduo caridoso. Júpiter é, portanto, a personificação da Caridade.

V. Ares – Marte

Marte, o filho de Júpiter e Juno, era o deus da guerra. Bárbaro e desprovido de cultura, era cruel, pois destruía a todos aqueles que se opusessem a seu caminho; impulsivo ao extremo, Marte dava vazão a seus instintos brutais, não poupando ninguém de sua sede de sangue. Corajoso, enfrentava todos os seus inimigos com uma inabalável convicção da vitória, e comandava seus exércitos com pulso e direção. Porém, sua costumeira precipitação, fruto do dar vazão dos impulsos, quase sempre lhe tirava a vitória certa. Marte apreciava a destruição, e a tinha como uma espécie de diversão. Tinha como companheiras deidades tão terríveis quanto ele: Fobos (o Medo), Deimos (o Terror), Éris (a Discórdia).

Minerva, a deusa da Sabedoria, também era uma deusa guerreira, porém suas características eram opostas à de Marte: enquanto Marte era impulsivo, Minerva conduzia suas batalhas pela estratégia e aguçada inteligência.

Marte fora imortalizado também como o grande amante da insaciável deusa Vênus, cuja relação será melhor comentada na seção referente à esta deusa.

Atributos de personalidade

A guerra é uma das mais profundas metáforas da vida humana. A vida profana é um contínuo ir e vir de conflitos, seja com a Natureza, seja com outras pessoas, seja do homem consigo mesmo. Cada conflito apresenta uma natureza binária, pois somente dois opostos ou dessemelhantes podem

incorrer em desarmonia. O resultado de um conflito é a vitória de um dos lados, o que implica necessariamente na derrota do outro, exatamente como em uma guerra. Assim, a guerra está mais presente na vida humana do que se imagina, pois é a metáfora de toda e qualquer espécie de conflito.

Para se vencer uma guerra não basta somente uma esmerada estratégia; é fundamental se ter também recursos materiais como armas, por exemplo. Transportando estes conceitos para o homem, a estratégia da guerra representa o uso da mente para se vencer os conflitos, ao passo que as armas e exércitos representam os instintos que conferem-lhe os meios para se combater. Por meio da Mitologia se percebe nitidamente que a estratégia é personificada por Minerva, ao passo que os instintos são personificados por Marte.

Os instintos são os atributos humanos herdados dos animais, pois são faculdades que não dependem do raciocínio. Adaptando uma analogia encontrada em uma das obras de Pápus¹², os instintos são como um cão: se domado e adestrado, ele será extremamente benéfico para seu dono, pois será o guardião fiel de sua residência; caso contrário, ele será uma ameaça desenfreada, agredindo e podendo até mesmo matar. Assim o instinto, se usado positivamente, será altamente positivo para a guerra constante que é a vida humana; caso contrário, será sua ruína.

Para se combater em uma guerra, é necessária a força para vencer as limitações, coragem para não se intimidar pela potência do inimigo. Quando as tropas estão quase vencidas, o nobre combatente tem de tirar energia do âmago de seu ser para não sucumbir perante a fraqueza, e então tomar iniciativa do ataque para se lançar contra o inimigo, demonstrando assim a seus pares que enquanto houver o alento haverá a possibilidade da vitória. Eis a síntese da liderança, daquele que toma para si a responsabilidade por acreditar no triunfo, conforme Marte empreendia em seus combates.

Porém, assim como existe a guerra pela sobrevivência, existe a guerra despertada pelo egoísmo. O egoísmo, em sendo irracional, estimula o uso da força por meio do impulso, tornando o homem bruto, assim como Marte fazia quando se tornava encolerizado por qualquer ação de outrem que lhe desagradasse, mesmo que fosse insignificante. O primeiro impulso¹³, reação reflexa estimulada por uma ação externa (como, por exemplo, uma provocação), desencadeia a agressividade, se não controlada imediatamente, ou o sentimento de vingança, quando debilmente controlado no momento porém sem ser purgado do interior do homem. O uso desenfreado da força para propósitos egoísticos gera a discórdia entre os homens (eis porque Marte era sempre acompanhado por Éris).

Marte, em personificando os instintos e sendo o amante principal de Vênus, representa também a força desenfreada da procriação, a sexualidade.

Defeito Capital: A Ira

Conforme visto acima, Marte encolerizava-se ao mínimo ato que alguém provocasse e assim desgostasse o deus. Eis o exemplo mais típico do dar vazão ao primeiro impulso, cuja manifestação é a resposta agressiva. Esta resposta agressiva, que traz consigo discórdia, e destruição, consiste exatamente no conceito da ira. Marte personifica, assim, o terrível defeito da ira.

Virtude Capital: A Diligência

Uma Guerra, para ser vencida, requer persistência. Perdem-se batalhas, aconchega-se o desespero, o desânimo se aninha, o medo instala seu trono, a derrota parece inevitável; eis os terrores que assaltam o combatente. Porém, Marte, em sua natureza belicosa, lutava até o fim. Os terrores mencionados – Fobos e Deimos – eram seus filhos, e estavam consigo; assim, nada abalava sua

¹² A analogia mencionada tem a ver com o conceito de elementais, e se encontra na obra 2.

¹³ Para uma belíssima discussão sobre o primeiro impulso, bem como uma detalhada análise sobre os instintos, ver 3.

confiança na vitória, que o fazia lutar sem desistir. A persistência, a coragem de prosseguir frente aos obstáculos, a determinação que faz com que o sofrimento deixe de assombrar o combatente da guerra da vida denomina-se Diligência. Marte personifica, com sua determinação, a Diligência, pois é ela o ingrediente que leva à vitória.

VI. Afrodite – Vênus

Vênus nasceu das espumas do mar, fecundadas pelos testículos de Urano, caídos no mar após a castração imposta por Saturno. Dotada de extraordinária beleza, logo atraiu a atenção de todos os deuses em sua chegada ao Olimpo, trazida por Zéfiro, e depois pelas Horas. Júpiter fê-la casar-se com Vulcano, o deus coxo, de feições horríveis. Porém, por sua extraordinária beleza e encantos, traiu-o com os homens que quis, mesmo porque possuía uma guirlanda que fazia com que nenhum homem resistisse a seus encantos.

Deusa das paixões ardentes, Vênus enamorou-se dos mais diversos deuses e mortais, autênticas presas fáceis a seus encantos. Em suas aventuras amorosas, chegava até os píncaros da audácia, traindo Vulcano em seu próprio leito de casada. Certa vez, Vulcano descobriu que Marte esta em sua casa, juntamente com sua amante, Vênus; então, armou um plano para flagrar os dois amantes juntos: forjou uma rede tão fina, que era praticamente imperceptível; armou-a, quando do descuido dos amantes, no leito de Vênus, e quando estes lá se deitaram, ficaram presos na armadilha. Vulcano, então, chamou todos os deuses do Olimpo à seu quarto, para verem a traição e assim envergonhar os amantes.

Esta característica marcante de Vênus corresponde ao amor carnal, fundamentalmente voltado à satisfação do apetite sexual. Porém, o amor carnal nada mais é do que uma profunda deturpação do Amor puro, verdadeiro, que une almas e não corpos. Este Amor, imortalizado em tantas obras de belíssima plástica literária, une dois seres não para satisfazer apetites, mas sim para que juntos vivam como se fossem um só. O Amor verdadeiro pode nascer da simples atração carnal, pois ele se apossa do homem como uma flecha que o atinge sem se aperceber, o que o faz se despir de seu manto maculado pelo desejo para se vestir com o manto puro da sublimidade do que é verdadeiro. Assim, Vênus se apresenta também sublime, como a deusa do Amor em sua plenitude. Conforme relatou Platão, esta natureza dupla de Vênus, a contradição encarnada, comparece sob duas formas na mesma deusa, dando como impressão porém que fossem duas: Afrodite Urânia, deusa do Amor puro, e Afrodite Pandemos, deusa do amor carnal.

Atributos de personalidade

Vênus é a deusa do amor sob todas as formas. Personifica tanto as paixões carnis desenfreadas quanto o amor cavalheiresco, idílico, imortalizado pelos trovadores provençais. Por sua beleza extrema e delicada, a maior entre todas as deusas e mortais, personifica a graça, a ternura, a estética, o charme, o bom gosto e os pequenos prazeres da vida. Representa também os cuidados com a aparência, o que não deve ser confundido com vaidade, que se associa ao cuidado exagerado.

Por seu hipnotismo irresistível, Vênus personifica a arte da sedução, a sensualidade. Também representa, na qualidade de deusa das paixões, a incapacidade de se lidar com os impulsos sexuais. Por ser uma deusa com personalidade dual, ela personifica ao mesmo tempo a existência ou a ausência de moral e o senso de atribuição de valor, ou sua ausência.

Defeito Capital: A Luxúria

Vênus não tinha limites em seus desejos. Não se importava nem mesmo em se arriscar, pois os desejos ofuscam a razão, não permitindo que riscos sejam avaliados. Paga-se o preço da vergonha, como tão bem é relatado pela descoberta da traição por Vulcano. Vênus não se importava com seu

caráter moral, pois vagava de leito em leito; para ela, bastava tão somente realizar seus desejos. Esta vida pregressa, maculada pelo desejo, pela necessidade de satisfação das paixões, caracteriza a luxúria, cujo exemplo máximo se resume na figura de Vênus. Vênus personifica, portanto, a luxúria em sua plenitude.

Virtude Capital: A Temperança

Afrodite Urânia e Afrodite Pandemos, eis a dupla natureza da deusa Vênus. Ela era, portanto, o binômio dos opostos encarnado, era a própria contradição. Porém, na maravilha da Natureza eis que surge a Lei Universal da Harmonia, da constituição ternária dos princípios. Se ela encarna a contradição, encarna também o intermediário, o ponto central, neutro. Se há o excesso, há também a moderação. Se se mergulha nas paixões que agrilhoam o indivíduo na matéria, há as asas do Amor que o desprende. Portanto, do mesmo modo que Vênus tem em si a faculdade de se chafurdar nos excessos do prazer, tem em si as chaves de como domá-los, para dirigi-los ao desfrute do casal enamorado do amor verdadeiro. Esta Virtude que permite moderar os apetites e as paixões denomina-se Temperança. Eis a razão porque Vênus personifica a Temperança, pois tem em si os extremos, que podem ser equilibrados.

VII. Hermes – Mercúrio

Mercúrio, o Mensageiro dos deuses, o filho de Júpiter e Maia, já em seus primeiros dias de vida mostrou sua natureza astuta e enganadora. Desejoso de comer carne, saiu de sua caverna no monte Cilene na Arcádia e foi até a Piéria, ao campo onde pastavam o gado de Apolo. De lá furtou o gado e, para passarem despercebidos, calçou as patas dos animais com cascas de um carvalho tombado no campo. Apolo posteriormente descobriu o furto, porém não teve nenhuma pista de qual seria o ladrão. Sileno e seus sátiros, desejosos de obter alguma recompensa, procuraram o ladrão e o gado furtado em vários cantos, sem lograr êxito, até que um dia, atraídos por uma doce melodia jamais outrora ouvida, foram até a caverna do monte Cilene. Lá encontraram a ninfa de mesmo nome, aia de Mercúrio, que lhes disse que o instrumento de tão doce melodia fora a criação de um bebê de faculdades extraordinárias. Este instrumento, a lira, fora construída com a carapaça de uma tartaruga e com tripas de vaca. Desconfiados da procedência das tripas de vaca, adentraram a caverna, e lá perceberam peles que logo identificaram como sendo do gado de Apolo.

Apolo, levado pelas artes da adivinhação, descobriu o paradeiro do ladrão, e foi até sua caverna em Cilene. Lá, acordou Maia, que dormia um sono profundo enternecida pela melodia da lira. Mercúrio fingia estar dormindo, enquanto Apolo ralhava com Maia argumentando que seu filho havia roubado seu gado. Mesmo com o protesto da mãe, alegando que seu filho era ainda um menino envolto em fraldas e que não poderia ter cometido um ato como este, Apolo tomou o pequeno ladrão e o levou até seu pai, Júpiter. Lá, Apolo acusou Mercúrio, e Júpiter, relutante em acreditar que Mercúrio seria ladrão, o convenceu a revelar o paradeiro do gado. Mercúrio aquiesceu, confessando portanto seu ato criminoso.

Mercúrio justificou seu roubo alegando que estava fazendo uma imolação aos doze deuses do Olimpo, tendo sacrificado apenas duas vacas e cortando sua carne em doze pedaços, oferecendo-a aos doze deuses olímpicos; Apolo, surpreso, inquiriu Mercúrio para saber qual seria o décimo segundo deus, pois até então havia somente onze. Com um sorriso malicioso nos lábios, Mercúrio disse que o décimo segundo deus era ele mesmo, e que portanto estava comendo o décimo segundo pedaço de carne em sua própria homenagem. Era assim realizado, portanto, o primeiro sacrifício de oferecimento da carne animal aos deuses.

Mercúrio conduziu Apolo ao local onde havia conduzido o gado; antes, porém, foi até sua caverna e tomou a lira, tocando e cantando à honra de Apolo. O deus Sol, inebriado com tamanha beleza

musical, perdoou seu pequeno irmão ladrão, dando-lhe o restante do gado em troca da lira. Mercúrio aceitou o negócio, e efetuou a troca.

Posteriormente, Mercúrio criou a flauta de juncos, a siringe, cujo belíssimo som novamente tocou Apolo, o deus da Música e da Beleza. Apolo propôs uma troca entre a siringe e seu cajado de ouro, ao qual o astuto deus Mercúrio recusou, alegando que sua flauta valeria mais; fazendo então uma contraproposta, Mercúrio quis não somente o cajado, mas também que fosse ensinado acerca das artes divinatórias. Apolo concordou, porém levou o caso a Júpiter, que repreendeu o jovem e astuto deus, ordenando-lhe que não mais desrespeitasse a lei da propriedade alheia. Admirando-se, porém, com a astúcia e eloquência do jovem deus Mercúrio, Júpiter tornou-o seu arauto, a pedido aliás do próprio Mercúrio. Deu-lhe o cajado de ouro com duas serpentes entrelaçadas, o Caduceu, deu-lhe também suas típicas sandálias aladas, e seu chapéu característico. Dentre suas obrigações, deveria promover os tratados entre os homens e o comércio.

Atributos de personalidade

Mercúrio, ainda em tenra idade, demonstra grande astúcia ao disfarçar as pegadas do gado de Apolo. Mesmo sendo usada para o mal, demonstrou ser dotado de grande inteligência ao planejar o roubo sem deixar pistas.

Usou de uma grande eloquência para convencer Júpiter a tornar-lhe seu arauto. Demonstrou ser altamente comunicativo, pois foi designado por Júpiter para presidir a todos os tratados e relações entre os homens. Isso fez dele um diplomata.

Mercúrio era também cínico, como demonstra o episódio em que ele se auto-atribuiu a condição de décimo segundo deus do panteão olímpico.

Defeito Capital: A Inveja

Um dos primeiros atos cometidos pelo jovem deus Mercúrio foi o roubo dos bois de Apolo. Pode-se tentar justificar um roubo pelo fato de o ladrão estar faminto; porém, na maioria dos casos, o fator motivador de qualquer roubo se resume fundamentalmente na cobiça, ou seja, o desejo de possuir. Posteriormente, no episódio da barganha que Mercúrio faz com Apolo sobre a siringe, é fácil de ver que Mercúrio desejava mesmo era a aquisição da faculdade de adivinhação, poder este que Apolo detinha. Eis novamente o desejo de Mercúrio de possuir algo que não era dele, fazendo uso de artifícios para conseguir seu intento. Ambos os comportamentos deste deus caracterizam-no como um indivíduo invejoso; portanto, Mercúrio é o deus que personifica a inveja.

Virtude Capital: A Paciência

Nos episódios acima, apesar de revelarem o caráter malicioso, ardiloso e invejoso de Mercúrio, é possível dele extrair uma Virtude. Sim, pois se é possível uma flor ser esplendorosa sozinha em um pântano, eis que também é possível se encontrar uma Virtude no meio do lodo do vício. Mercúrio, apesar de invejoso, não foi impulsivo a ponto de querer roubar para si o cajado de Apolo, ou mesmo de tentar forçá-lo a ensinar-lhe as artes da adivinhação. Este seria o comportamento típico de um ladrão barato. Mercúrio foi muito mais astuto: percebendo que Apolo, em sendo deus da Música, se atrairia por algum instrumento cujo som fosse realmente fenomenal, assim como ocorreu com o som da lira, criou um outro instrumento, a siringe, e através deste que negociou com Apolo aquilo que queria em troca. Mercúrio não cedeu ao impulso característico do ladrão pois foi paciente, planejando o que faria para obter seu intento. Assim como uma flor necessita de tempo para que sua semente germine e cresça, eis que uma idéia necessita do tempo para que germine e se converta em uma ação ordenada, planejada. A Virtude que permite aguardar, voluntariamente, este tempo para

que a Natureza aja transformando as sementes em colheita, denomina-se Paciência. Mercúrio é, portanto, a personificação da Paciência.

OS SETE PLANETAS E AS INFLUÊNCIAS QUE EXERCEM SOBRE O HOMEM

Nas seções anteriores foram discutidos os Mitos Greco-romanos nos quais comparecem os deuses que emprestam seus nomes aos sete Planetas. De suas façanhas foram extraídos os perfis de cada um dos sete deuses, bem como as Virtudes e Defeitos Capitais que cada um deles personifica. Falta, entretanto, analisar as influências planetárias que os sábios da Antigüidade descobriram após longos anos de pacientes observações. A abordagem das influências planetárias está apresentada abaixo por meio das seguintes palavras-chave ¹⁴:

☉ Sol

Aspectos positivos: Magnanimidade, generosidade, vitalidade, representa o eu interior, ânimo, grandiosidade, alegria de viver, liderança, autoridade, nobreza, criatividade, capacidade de organização.

Aspectos negativos: Orgulho, arrogância, vaidade, excessiva autoconfiança, autoritarismo, presunção.

☾ Lua

Aspectos positivos: Humildade, representa as emoções, maternidade, sensibilidade, Intuição, imaginação, receptividade, boa memória, fertilidade.

Aspectos negativos: Preguiça, irracionalidade, inconstância, indecisão, rege as instabilidades, os humores teimosia, timidez.

♄ Saturno

Aspectos positivos: Castidade, Sabedoria, responsabilidade, senso de organização, paciência, representa a ação do tempo, a reflexão profunda, amadurecimento, experiência, solidez, disciplina, e rege a forma.

Aspectos negativos: Avareza, voluptuosidade, ambição, egoísmo, severidade, crueldade, rigidez excessiva, mesquinhez, rege a tristeza e as limitações.

♃ Júpiter

Aspectos positivos: Caridade, justiça, generosidade, aspirações, busca pelo que é superior, rege o pensamento filosófico, jovialidade, indulgência, ordem, crescimento, evolução, representa a mente superior.

Aspectos negativos: Gula, ambição, arrogância, megalomania, auto-indulgência.

♂ Marte

Aspectos positivos: Diligência, coragem, determinação, energia, iniciativa, liderança, força.

Aspectos negativos: Ira, impulsividade, agressividade, brutalidade, egoísmo, espírito vingativo, instinto destrutivo, ambição.

¹⁴ Esta é uma abordagem usual nos tratados de Astrologia, como 17, 18 e 19.

♀ Vênus

Aspectos positivos: Temperança, graça, ternura, estética, charme, bom gosto, amor, leveza, rege as artes, a cultura, os pequenos prazeres, cuidados com a aparência, rege o matrimônio, senso de valor.

Aspectos negativos: Luxúria, rege as paixões carnisais desenfreadas, amoralidade, incapacidade de se lidar com os impulsos sexuais, sensualidade.

♁ Mercúrio

Aspectos positivos: Paciência, eloquência, inteligência, rapidez de raciocínio, comunicabilidade, astúcia, diplomacia.

Aspectos negativos: Inveja, tendência a trapacear, cinismo, descontrole nervoso, capacidade crítica exacerbada.

Agora é possível efetuar comparações entre os atributos dos deuses e as influências planetárias correspondentes. Em cada uma das descrições dos atributos dos deuses descritas na seção anterior há palavras destacadas em vermelho. Estas palavras condensam adjetivos que qualificam as ações e conseqüentemente definem traços de personalidade dos deuses correspondentes. Comparando-se estas palavras destacadas com os aspectos descritos nesta seção, para cada Planeta, verificar-se-á que ambas praticamente coincidem. Ou seja, as descrições dos perfis dos deuses correspondem fielmente às influências planetárias observadas ao longo dos séculos.

As correspondências existentes são, como era de se esperar, exatas. Seriam coincidência? A resposta é um sonoro não. Na seção “A Questão do Símbolo na Mitologia e na Astrologia” se discutiu a fonte comum entre ambas, o que então exclui a possibilidade do fator coincidência. Cabe agora explicar por que são estas correspondências de uma exatidão extrema.

A configuração do Céu muda constantemente no decorrer do tempo. As posições relativas entre os Planetas e os Signos se alteram após um determinado lapso de tempo. No momento exato do nascimento de um bebê o Céu terá uma configuração muito específica, com cada Planeta se situando relativamente a um ou mais Signos. O desenho desta configuração celeste, dependente do local e instante exato de nascimento, recebe o nome de um *Tema* ou *Mapa Astrológico*¹⁵. As influências astrológicas sobre o indivíduo são determinadas totalmente em função da configuração celeste apontada no tema astrológico. Estas influências são resultantes das forças astrais que os Planetas e os Signos emitem naquele exato momento. Tais forças são captadas pela atmosfera terrestre, compondo assim a Vida Terrestre conforme já mencionado em uma das seções anteriores¹⁶.

Antes de um bebê nascer, toda a sua conexão com o mundo se dá por meio de sua mãe. É somente por meio do nascimento que ele toma seu primeiro contato com o meio exterior. É em sua primeira respiração que este bebê insuflará em seus pequenos pulmões o ar carregado com a Vida Terrestre, impregnada com as influências astrais características *daquele momento*. Então, deste modo, o bebê interioriza as forças que determinam as suas tendências de personalidade futuras.

Assim, o interior do bebê, sua Alma, será impregnada de influências astrais externas. O interior espelhará em maior ou menor grau o exterior. Como a Astrologia lida com forças externas, e a Mitologia, com forças internas, a ligação entre o exterior e o interior representada pela primeira

¹⁵ Para completar o mapa astrológico é necessário introduzir o conceito de *Casa Astrológica*. Como este tema se encontra fora do escopo deste trabalho recomenda-se a leitura de uma das obras listadas na nota 14 para maiores detalhes.

¹⁶ Ver notas 10 e 11.

respiração do bebê ratifica a relação exata entre a Astrologia e a Mitologia. Eis a razão, portanto, de as correspondências apresentarem uma exatidão extrema.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – Papus, *O ABC do Ocultismo*, Coleção Arcanum, Vol. 5; Ed. Martins Fontes
- 2 – Papus, *O Ocultismo*; Ed. Cultrix
- 3 – Papus, *Tratado Elementar de Magia Prática*; Ed. Cultrix
- 4 – Papus, *Tratado Elementar de Ciência Oculta*; Ed. Humanitas
- 5 – Lévi, Éliphas, *Dogma e Ritual de Alta Magia*, Ed. Cultrix
- 6 – Lévi, Éliphas, *A Chave dos Grandes Mistérios*, Coleção Arcanum, Vol. 8, Ed. Martins Fontes
- 7 – Schuré, Édouard, *Os Grandes Iniciados*, Ed. Madras
- 8 – Barnes, Jonathan, *Filósofos Pré-Socráticos*, Ed. Martins Fontes
- 9 – Aquino, São Tomás de, *Sobre o Ensino; Os Sete Pecados Capitais*, Ed. Martins Fontes
- 10 – Hesíodo, *Teogonia, a Origem dos Deuses*, Ed. Iluminuras
- 11 – Graves, Robert, *The Greek Myths: I*, Penguin Books
- 12 – Commelin, Pierre, *Mythologie Grècque et Romaine*, Pocket
- 13 – Bulfinch, Thomas, *The Golden Age of Myth and Legend*, Wordsworth Reference
- 14 – Schwab, Gustav, *As Mais Belas Histórias da Antigüidade Clássica*, Ed. Paz e Terra
- 15 – Grimal, Pierre, *Dictionary of Classical Mythology*, Penguin Books
- 16 – *The Wordsworth Dictionary of Mythology*, Wordsworth Reference
- 17 – March, Marion; McEvers, Joan, *Curso Básico de Astrologia, vol. I*, Ed. Pensamento
- 18 – *Astrologia – Coleção A Sua Sorte*, Nova Cultural
- 19 – Wirth, Oswald, *O Simbolismo Astrológico*, Ed. Nova Fronteira

FIM